

RELATO DE EXPERIÊNCIA

COLA SAPATÃO: ESTRATÉGIAS LÉSBICAS DE COMBATE E RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA ARTE

Dani Barsoumian ¹

Ana Castello ²

112

Resumo: “*Sapatão cola velcro!*” – uma clássica pejorativa que nos atiram – para matar – entre tantas outras marcantes das histórias de mulheres que se relacionam afetivamente e sexualmente com outras mulheres. “*Sapatão!*” – gritam com ódio da nossa existência. Nos apropriaremos do que é nosso e faremos armas potentes para os combates diários, históricos e sociais que enfrentamos: “COLA SAPATÃO” – revidaremos! E num grude indissolúvel, seremos cada vez mais gigantes em nossa força. Criado por um casal sapatão que anseia juntar e conectar mulheres lésbicas para fortalecimento individual e coletivo, a partir de desejos, trocas e ações artísticas, “COLA SAPATÃO” teve sua primeira edição³ em Palmas/TO, em março de 2018. Com visibilidade, encontros e fortalecimento junto à mulheres lésbicas e bissexuais da capital do Tocantins, o resultado foi um super “arraso-sapatão!”.

Palavras-chave: arte da performance, visibilidade lésbica, arte política, ativismo.

Sapatonas em combate

Existimos e somos mulheres. No entanto, com a cadência machista imposta na sociedade, comumente somos silenciadas. Existimos e somos mulheres lésbicas, mas com os poderes heteronormativos impostos, somos historicamente invisibilizadas.

¹ Formada em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC-SP e na técnica Alexander pela *London Centre for Alexander Technique and Training*, é artista, educadora e ativista sapatão autônoma. Desde 2011, utiliza a arte da ação para discutir possíveis e impossíveis identidades a partir do próprio corpo e como ferramenta para reunir, dialogar e inventar realidades, junto a outras pessoas.

² Formada em Artes Visuais Licenciatura pela UDESC, é mestranda em Educação pela PUC-SP e arte-educadora autônoma. Desde 2010, utiliza a fotografia, as artes gráficas e audiovisuais como suas armas de combate e enfrentamento. Dani e Ana são artistas autônomas, arte-educadoras e noivas.

³ A primeira edição do projeto foi a convite do Festival ESCALA 1:1 – Ações humanas para espaços monumentais. Página do Festival: <<https://www.facebook.com/escalalpara1/>> (acessado em 30/07/2018).



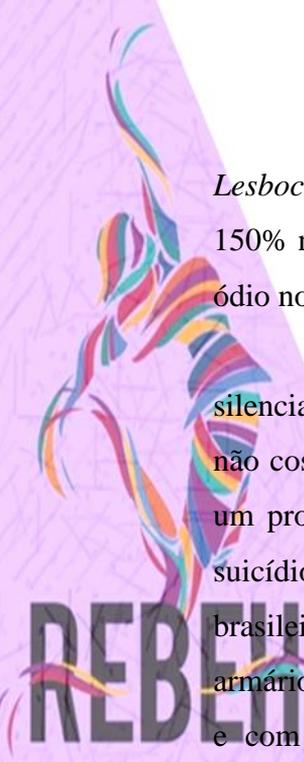
Existimos! E existir significa: ter existência real, ter presença viva, viver, ser⁴. Muitos não nos querem existindo, mas estamos aqui e reivindicaremos, cada vez mais, nossas existências – ao pé da letra, como também faremos luta para alcançar direitos e justiça às nossas. Seremos visíveis! Ivone Pita, ativista lésbica, diz que

É através da visibilidade que nós mulheres lésbicas vamos nos fazendo presentes. E assim vamos dizendo a outras tantas mulheres que podem viver o amor sem medo. Nos fortalecemos como grupo. Fortalecemos nossas vozes. Rompemos o silenciamento. Exigimos que registrem a violência que sofremos. Que nomeiem. Como os casos de estupro. O descaso e agressões nos consultórios médicos. Por isso é tão importante que a representatividade em diferentes espaços. Precisamos ser vistas e ouvidas (CAMPOLINA, 2017, s/p).⁵

Estar na rua e nos espaços públicos é direito nosso! E foi pensando nesse movimento, de reunir lésbicas e ocupar espaços públicos da cidade – para criações e fortalecimento – que tomou forma o projeto COLA SAPATÃO. Em ruas, parques, bares e instituições como a universidade, fomos descobrindo a cena lésbica da capital tocaninense, popularmente conhecida como “capital da fé”. Eis um dos embates: com população majoritariamente cristã praticante, a monumental cidade de Palmas muito rapidamente se mostrou insegura à população LGBT+. Com rotatórias demais e pouca acessibilidade para pedestres, ouvimos relatos de lésbicas que não consideram andar sem automóvel e lamentam as mulheres que não têm acesso ao mesmo privilégio. Também houveram histórias de lésbicas provindas do interior do estado, com a necessidade de fugir das violências que sofriam, inclusive da própria família, e que buscam na capital melhores oportunidades de existência. No entanto, essa capital impõe a “política do armário” como possibilidade e as lésbicas que desafiam essa imposição correm riscos de perseguições – incluindo suas vidas profissionais – como o caso de uma das participantes do projeto que perdeu o emprego, por conta de seu ativismo. Assédios, perseguições, expulsões de locais como shoppings e restaurantes, ameaças e outras agressões narravam as histórias das mulheres lésbicas que encontramos no COLA SAPATÃO. Porém, a realidade violenta está bem além de ser apenas local. Segundo o primeiro dossiê sobre lesbocídio no Brasil, organizado por Milena Cristina Carneiro Peres, Suane Felipe Soares e Maria Clara Dias do grupo de pesquisa

⁴ Significado retirado do dicionário digital Priberam <<https://www.priberam.pt/dlpo/existir>> (acessado em 20/07/18).

⁵ Por que é importante falar de visibilidade lésbica? Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/por-que-e-importante-falar-em-invisibilidade-lesbica/>> (acessado em 20/07/18).



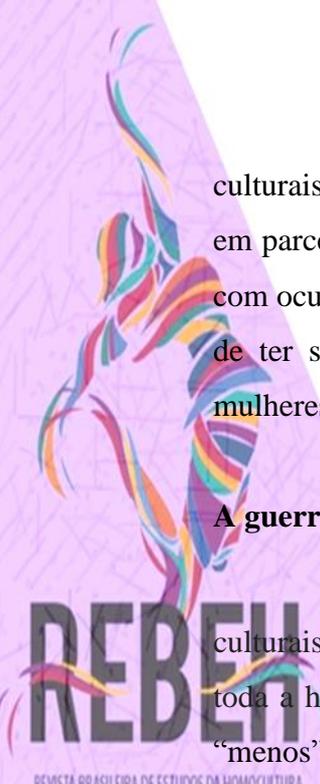
*Lesbocídio - As histórias que ninguém conta*⁶, de 2014 a 2017 houve um aumento de 150% nos casos confirmados de mulheres lésbicas vítimas de assassinatos motivados a ódio no Brasil.

A invisibilidade, além de gerar violências diversas, provoca também o silenciamento das mesmas; segundo o mesmo dossiê, “as investigações sobre os casos não costumam ser consistentes, os dados disponíveis costumam estar incompletos e há um profundo descaso em todas as esferas para com estas mortes”. O dossiê inclui o suicídio também como resultado do ódio hegemônico que persegue as lésbicas brasileiras. Em meio ao medo e sofrendo as consequências de uma vida incompleta “no armário”, ou insegura fora dele, as lésbicas desenvolvem diversas questões psicológicas e com a falta de apoio e acompanhamento, viram estatística de suicídio, quando deveriam, na verdade, serem consideradas vítimas de uma sociedade que as induz a desistir por não se encaixarem na norma, tampouco terem facilidade para viver situações básicas como ir e vir, trabalhar, estudar, ir à um restaurante, passear de mãos dadas com suas companheiras, etc. Ou seja, Palmas – assim como outras cidades do país, não garante políticas públicas para o grupo LGBTQ+, deixando assim, essas pessoas vulneráveis a diversos tipos de violência, insegurança e fatores que reduzem a qualidade de vida física, mental e social dessa população.

Apesar do medo – que como proponentes do projeto também sentimos durante nossa estadia em Palmas, percebemos o quanto aquelas mulheres lésbicas participantes precisavam apenas se encontrar para existirem com mais força. O projeto que teve duração de uma semana, foi – dia a dia – crescendo em número e afinidade entre as lésbicas. Enquanto eram produzidas bandeiras de luta sapatão, ações fotográficas e performáticas pela cidade, pessoas se reencontravam, outras se conheciam, ideias novas e resgate de vontades antigas vinham à tona, lésbicas de diferentes gerações trocaram suas experiências e “colaram” pra valer! Organizamos um Guia-Sapatão (no estilo guiaturístico, mas voltado às mulheres lésbicas e bi), performamos no terminal central da cidade, em horário de *rush*, com leituras de depoimentos pessoais – tirados do armário – sobre violências sofridas pelas mulheres lésbicas envolvidas, criamos imagens e fizemos presença.

Atualmente, três meses depois, o grupo que a princípio contou com quinze participantes soma mais de sessenta mulheres lésbicas e bi. Com atividades esportivas,

⁶ *Lesbocídio – As histórias que ninguém conta* é uma iniciativa do Núcleo de Inclusão Social – NIS e do Nós: dissidências feministas, vinculados à UFRJ (2017).



culturais e fortalecimento político, semanalmente, o grupo que se intitulou “Brejo-TO”, em parceria com o Lesbiteca⁷ e ativistas autônomas⁸, potencializa a visibilidade lésbica com ocupação dos espaços públicos da cidade, discussões e organizações políticas, além de ter se tornado, organicamente, uma rede de encontro, troca e apoio entre essas mulheres.

A guerra nas artchys e a arte como arma

Os parâmetros que regem a circulação de produções artísticas nas instituições culturais são os mesmos padrões hegemônicos que têm regido nossas sociedades em toda a história. Para esses parâmetros, artes politizadas ou politizantes são tidas como “menos” ou “piores” – como costuma ser com o que coloca em xeque as estruturas onde se inserem – e, nesse jogo, nós, mulheres lésbicas, tendemos a ficar longe das curadorias vigentes.

Na década de 70, tivemos o “Movimento Feminista nas Artes”⁹, que se deu, principalmente, nos Estados Unidos e que, no Brasil, levantou como uma das questões principais, o fato de que as mulheres que estavam se inserindo nos espaços artísticos aqui, preferiam não se dizer feministas e, muitas vezes, não pautar nenhum assunto relacionado às suas vivências específicas como mulheres.

Atualmente, percebemos importantes mudanças nesse sentido. Com as mídias e redes sociais operantes, constantes cobranças sobre representatividade, em diversas áreas, são questionadas, incluso nas artes. No entanto, o que temos assistido frequentemente, são artistas e obras “maquiadas”, discursos prontos, poucas discussões sobre seus modos de produção e/ou suas inserções no mundo.

Assim, falamos por experiência: quando conseguimos nos inserir no “mercado”, precisamos nos bastar à eventos temáticos que acontecem uma – e quando mais – duas vezes ao ano e restrito às megalópolis.

Muitos e muitas artistas seguem trabalhando para se inserir na estrutura mercadológica sem questioná-la, todavia, e felizmente, paralelo a isso, existem

⁷ Coletivo de lésbicas e mulheres bissexuais de Tocantins fundado sob perspectiva feminista, antirracista, anticissexista e anticapitalista, em maio de 2014.

⁸ Gostaríamos de destacar a Help: marceneira, poeta e artista popular autônoma, com imensa experiência com o movimento feminista no Tocantins, que tivemos o privilégio de conhecer, ouvir suas histórias e apontamentos sobre a vida, a luta e a junção das duas.

⁹ Feminist Art Movement: <<https://www.theartstory.org/movement-feminist-art.htm>>. Movimento resultou, em 2007, na famosa exposição WACK! Art and the Feminist Revolution, no MOCA – <<https://www.moca.org/exhibition/wack-art-and-the-feminist-revolution>> (acessados em 30/07/2018).



movimentos dissidentes produzindo arte na contramão da estética vigente e disputando espaços, principalmente por aqui, em áreas colonizadas, onde inventar outro espaço-tempo é questão de sobrevivência. E é nesta contramão que acreditamos estar buscando brechas para sustentar nossa arte Sapatão e, vagarosamente, mudar um pouco a equivocada ideia de que arte não pode ser para todo mundo.

Apesar do esforço hegemônico de neutralizar toda iniciativa transformadora, a arte como ferramenta de luta sempre esteve presente na história que não é contada nos livros. Desde publicações independentes com circulação limitada até nossas famosas composições musicais que conseguiam burlar a censura de uma ditadura militar, as possibilidades metafóricas próprias da arte são uma incrível arma de ataque aos poderes opressores.

Entendemos a arte da performance ou, como usado ao sul do Equador, *Arte da Ação*, como mecanismo de encontros, diálogos e invenções de outras realidades. A potência transformadora da arte como possibilidade prática de luta é o que possibilita o projeto “COLA SAPATÃO” a existir. Trata-se de um projeto de arte da ação que tem como assunto principal as lesbianidades em contextos colonizados. Nossos corpos sul-americanos são específicos, carregamos identidades e desidentidades¹⁰ que nem sempre dialogam com as teorias lésbicas conhecidas mundialmente. O que podemos nós, sapatonas sudacas¹¹, quando nos encontramos? O que criamos juntas?

Juntando as armas de Dani com todo o arsenal visual de Ana, fazemos de “COLA SAPATÃO” um projeto super produtivo: cada encontro é uma ação performática, uma intervenção no espaço da cidade e uma chance de criar materiais que possam ser espalhados. Cada momento é precioso em sua troca afetiva e produção de conhecimento. Enquanto costuramos bandeiras ou montamos um mapa, discutimos os símbolos lésbicos, falamos sobre as nossas vivências e ocupamos espaços públicos que geralmente nos são negados. O mesmo acontece enquanto pensamos um Guia-Sapatão ou mesmo quando caminhamos juntas pelas ruas. Em Palmas, fizemos algumas derivas urbanas, carregando nosso estandarte e bandeiras para fazer intervenções fotográficas e evidenciar os disparates entre monumentos de um Estado não-laico opressor e a nossa

¹⁰ Desidentidades é o termo utilizado por Dani Barsoumian, desde 2012, para discutir possibilidades de desengessamento de identidades criadas a partir de normas sociais que costumam ser violentas à muitas. Em ações performativas, evidencia processos de construção e desconstrução identitária e se coloca em estado de invenção de identidades possíveis.

¹¹ SUDACA, expressão que se refere a sul-americanas, usualmente de forma pejorativa, aqui, apropriada como termo de fortalecimento e afirmação.

existência. Com essa arte de guerra, que pode ser meio e fim, nos colocamos em combate por espaço, visibilidade e direitos.

REBEH
REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMO/CULTURA

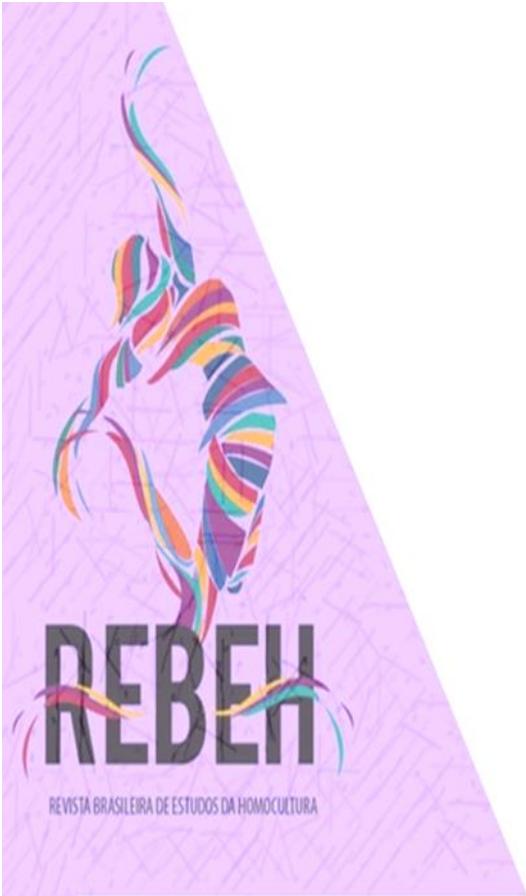


117

Encontro para criação e organização do Mapa Sapatão de Palmas/TO, no Espaço Cultural José Gomes Sobrinho
Foto: Ana Castello



Parte do grupo reunido na Universidade Federal de Tocantins, com bandeiras de luta produzidas pelas participantes.
Foto: Ana Castello



Intervenção fotográfica:
Monumento à Consciência da Diversidade, Praia da Graciosa.
Foto: Ana Castello



Chamada para Mídias Sociais:
uma das estratégias para encontrar mulheres lésbicas da cidade.
Arte gráfica: Ana Castello



Intervenção fotográfica: Monumento Ode às Sapatonas, Praça dos Girassóis.
Foto: Ana Castello



Cartaz de divulgação do PICNIC de encerramento.
Arte gráfica: Ana Castello

REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

Referências

CAMPOLINA, Thaís. **Por que é importante falar de visibilidade lésbica?**. Revista Forum, Publisher Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/por-que-e-importante-falar-em-invisibilidade-lesbica/>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

DYKE GLUE:

LESBIAN COMBAT AND RESISTANCE STRATEGIES THROUGH ART

Abstract: “*Sapatão Cola Velcro*”¹² – a classic pejorative that people throw on us – to kill – among many other highlights of the stories of women who relate affectively and sexually with other women. “*Dyke!*” – they shout with hatred of our existence. We will get what is ours and we will make potent weapons for the daily, historical and social combats that we face: “DYKE GLUE” – we will hit back! And in an indissoluble glue we will be more and more giants in our strength. Created by a dyke couple who long for gather and connect lesbian women for individual and collective, as from desires, exchanges and artistic actions, “DYKE GLUE” had its first edition in Palmas/TO, in april 2018. With visibility, encounters and strengthening with the lesbian and Bi women of the capital of Tocantins, the result was a super “arraso-sapatão!”.

Keywords: performance art, lesbian visibility, art and politics, activism.

Recebido: 29/07/2018

Aceito: 29/08/2018

¹² “Sapatão” – literally translated by ‘*Big Shoe*’: Brazilian expression for lesbian woman, related to the size of male feet. “Cola velcro” – literally translated by ‘*To Glue Velcro*’: Brazilian expression for lesbian sex. Metaphorically, we will use “Dyke” for Sapatão and “Dyke Glue” for the name of this project.